

MEMÓRIA DO 11 DE SETEMBRO EM ÉPOCA DA NOVA HISTÓRIA DA (IN) SEGURANÇA ESTADUNIDENSE

*Sthefan Bravin Ponche **
*Jacqueline Pilger Effgen ***

RESUMO: Este trabalho por meio da Análise do Discurso francófona pretende demonstrar como os elementos discursivos, em especial História e Memória, estão presentes no gênero textual capa de revista – Época - Editora Globo, cuja temática está atrelada ao atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, ponto marcante na (In)Segurança Nacional estadunidense, uma vez que 2021 foi o ano da segunda década em que a população americana rememorou o acontecido em seu território. Isto quer dizer que a pesquisa se justifica pelos efeitos de sentido atravessados pela história e pela memória de um povo em que a mídia se vale do discurso imiscuído com o lucro a fim de manter os ditames do capital sem demonstrar na edição publicada por Época que a Segurança Nacional de um dos países mais beligerantes do globo possui limitações. Ademais, esse objeto traz reflexões à luz da sociedade moderna quanto às consequências que o crime mediante terror provoca na coletividade. O estudo, em sua maior parte, ancora-se em Michel Foucault quando propulsiona elementos basilares do plano teórico-metodológico estudados pelo filósofo à medida em que se vai descrevendo e interpretando nuances encontradas nessa tipologia textual; isso sem esquecer autores como Burke, Gregolin, Certeau, Rago, entre outros, os quais trazem desdobramentos indispensáveis ao estudo, tal como o da Nova História e a (In)Segurança Mundial. Quanto aos resultados alcançados, a pesquisa revela a importância que a Análise do Discurso insere aos estudos dos gêneros textuais e como a mídia explora a História e a Memória como elementos mercadológicos em âmbito da (in)segurança estadunidense.

Palavras-chave: Análise do discurso; história e memória; mídia; Sociedade; Segurança estadunidense.

DOI: <https://doi.org/10.36776/ribsp.v6i15.183>

Recebido em 13 de junho de 2022.

Aprovado em 15 de abril de 2023

* Polícia Militar do Estado do Tocantins. <http://lattes.cnpq.br/9340014555329873>

** Instituto Federal do Tocantins (IFTO). <http://lattes.cnpq.br/4058162822900182>



MEMORY OF SEPTEMBER 11TH A ÉPOCA OF NEW HISTORY OF (IN) SECURITY AMERICAN

ABSTRACT: This work, through Francophone Discourse Analysis, aims to demonstrate how discursive elements, especially History and Memory, are present in the textual genre of the magazine cover – *Época* - Editora Globo, whose theme is linked to the terrorist attack of September 11, 2001, notable point in American National (In)Security unfolds, since 2021 was the year of the second decade in which the American population remembered what happened on their territory. This means that the research is justified by the effects of meaning permeated by the history and memory of a people in which the media uses discourse mixed with profit in order to maintain the dictates of capital without demonstrating in the edition published by *Época* that the National Security of one of the most belligerent countries in the world has limitations. Furthermore, this object brings reflections to the light of modern society regarding the consequences that crime through terror causes in the community. The study, for the most part, is anchored in Michel Foucault when it promotes basic elements of the theoretical-methodological plan studied by the philosopher as it describes and interprets nuances found in this textual typology; without forgetting authors such as Burke, Gregolin, Certeau, Rago, among others, who bring essential developments to the study, such as New History and National (In)Security. As for the results achieved, the research reveals the importance that Discourse Analysis places on studies of textual genres and how the media explores History and Memory as marketing elements within the scope of American (in)security.

Keywords: Discourse analysis; history and memory; media; society; american security.

1 INTRODUÇÃO

Apresentar por meio da Análise do Discurso de linha francesa, doravante AD, como a *mídia impressa*² brasileira, mais especificamente a *Revista Época*, vale-se dos elementos discursivos *História e Memória* no gênero textual capa de revista para estabelecer nuances alimentadas pelo capital internacional cuja temática é/foi o atentado às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001 e cuja aderência da temática vincula-se à segurança econômica e mundial é o propósito dessa pesquisa.

Em outras palavras, o estudo volta as atenções para a Análise do Discurso francesa e para o gênero capa de revista de duas edições da *Revista Época* a fim de comprovar a regularidade da temática – *Época* Edição Extra de 12 de Setembro de 2001, ano IV, editora Globo e da edição de 5 de setembro de 2011, ISSN 14156494 - cujos elementos discursivos *História e Memória* se fazem presentes nos *corpora*³. Ademais, o aparato teórico-metodológico do filósofo francês Michel Foucault ancora o estudo, devido ao terreno fecundo que a AD proporciona e adere as outras áreas do conhecimento, em meio as produções desenvolvidas pelo autor. Em outras expressões, teve-se em setembro de 2021 mais uma década do significativo ataque terrorista que as Américas registraram na modernidade; por conseguinte, o panorama histórico, a memória coletiva de uma das nações mais beligerantes do mundo e o capital internacional surgem como componentes de análise para esse estudo. Isso sem levar em conta elementos da segurança americana em um panorama macro para os crimes mediante terror.

A quem interessa ir à *História* e reavivar a *Memória* de um povo quanto a essa catástrofe oriunda da (in)segurança revelada pelo crime mediante terror contra a população estadunidense?

Neste ínterim, o objetivo desse trabalho vislumbra também como o capital financeiro internacional, por meio da mídia, vale-se da regularidade do acontecimento histórico para dele se alimentar através da *História* e do que permeia a *Memória* do povo estadunidense. Seria uma espécie de “autoflagelo” que a mídia realiza em prol do lucro.

O estudo se justifica por seguir a ruptura linear em que a história foi contada em sua maior parte no século XX pela grande mídia a fim de não permitir a reflexão libertadora; tendo, assim, o foco na “Nova História que é a história escrita como uma reação deliberada contra o ‘paradigma’ tradicional, aquele termo útil, embora impreciso, posto em circulação pelo historiador de ciência americano Thomas Kuhn” (BURKE, 1992, p.2). Ademais, a temática permite diálogo síncrono com a (In)Segurança dos Estados Unidos da América, uma vez que o atentado contra as torres gêmeas de Nova Iorque em 11

² Ainda que desde o dia 28 de maio de 2021 a *Revista Época* tenha sido incorporada ao site de notícias o GLOBO, e tenha cessado sua publicação impressa, esta pesquisa há de considerar o termo *mídia impressa* como elemento real da história comunicativa brasileira e também como respeito ao que este periódico serviu as ciências da linguagem – a Linguística em especial - como elemento norteador de pesquisas como esta que por hora se apresenta. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/grupo-globo-decide-acabar-com-revista-epoca/>> Acesso em: 13 de jun de 2021.

³ Corpora – Plural de *Corpus*, elementos de análises que serão estudados ao longo da pesquisa.



de setembro de 2001 apresenta fragilidade desde que se utilize os elementos de ataque e de análise corretos contra alvos errados.

Ante isso, tem-se no trabalho a convergência, ou melhor, uma singularidade nostálgica por ser a Análise do Discurso, assim como a *Nova História* oriundos da França e a importância de trazer à baila reflexões que Foucault deixa para o século XXI e seguintes ao que tange aos elementos discursivos, entre outros, *História e Memória*, nos *corpora* em tela, assim como pontos de convergência com sua obra *Segurança, Território e População*.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Inicia-se o arcabouço teórico com o seguinte ensinamento de Maria do Rosário Gregolin sobre o pensamento foucaultiano sobre a (*Nova*) *História*, vide:

A obra de Foucault estabelece uma profunda relação crítica com a História, a partir de Nietzsche e das teses da chamada “Nova História”. Desde os primeiros trabalhos, seu objetivo foi colocar em questão os métodos, os limites, os temas próprios da História tradicional, criticando o fato de ela voltar sua atenção para os longos períodos e acentuar a alternância entre equilíbrios, regulação e continuidades, apagando, assim, a dispersão, os acidentes, a descontinuidade. A partir de Nietzsche, Foucault (1971) propõe uma história *genealógica*, que problematiza o passado a fim de desvelar suas camadas arqueológicas e se volta para uma aguda crítica do presente (GREGOLIN, 2004, p. 19).

Ou seja, Foucault, consoante exposto, faz severas críticas à linearidade irreflexiva da história até então apresentada e das limitações encontradas em que não se retirava todo o substrato necessário do terreno “passado” em prol do presente. Isso fica evidente em *A Arqueologia do Saber* ao referenciar a história das ideias, visto que “A história das ideias é, então, a disciplina dos começos e dos fins, a descrição das continuidades obscuras e dos retornos, a reconstituição dos desenvolvimentos na forma linear da história (FOUCAULT, 2017, p.168).

Foucault foi pontual na quebra da linearidade com que a história se apresentava. Em outras palavras, pode-se dizer que “a história de Foucault rompe com os quadros clássicos de análise para privilegiar as práticas e a vivência dos dominados, com isso, fazendo aparecer conteúdos históricos mascarados em sistematizações formais” (BERT, 2013, p.180). Por isso não se pode perder o olhar quanto à essência do que a AD francesa traz em seu bojo; pois ela é composta e considerada um ramo entremeios da Linguística, da Psicanálise e da *História*. Certo de que essa concepção está mais atrelada aos postulados pecheuxianos nos estudos introdutórios, entretanto não se pode deixar de ressaltar que a *História* é como um pêndulo de relógio em que o movimento dele tem de um lado a linguística e do outro a psicanálise. Essa seria a interpretação mais sensível por um lado e mais perene pelo outro. Sensível no aproximar da linguística e perene ao triscar na psicanálise.

Assim, tem-se necessidade de uma *Nova História*, cuja solidez é encontrada na ruptura dos elementos existentes até então do movimento positivista francês.

Essa nova História tem como princípio a problematização do objeto que tradicionalmente foi a matéria prima do historiador: o *documento* que, como voz distante reconstitui o passado, reduzindo-o a um *silêncio decifrável*. Desse modo, o texto histórico é tradicionalmente definido como um tipo de narração interessada em reconstruir o “real” a partir da análise documental do contexto - o “meio histórico”. Essa concepção tradicional de História evidencia o velho sonho do historiador positivista, que era assistir passivamente à produção “objetiva” da história pelos documentos (Le Goff, 1990, p. 50). Sempre foi na base dessa “objetividade” que se caracterizou e distinguiu o discurso histórico. No entanto, a concretude e a acessibilidade do contexto histórico são ilusórias, pois os milhares de documentos históricos são lidos e interpretados pelo olhar dos historiadores (LE GOFF, 1990 *apud* GREGOLIN, 2004, p.22).

Vale ressaltar que esse pensamento advindo da crítica foucaultiana; ou seja, a história tradicional extraída de textos em que os historiadores tinham acesso representa para o filósofo a fragilidade dos marginalizados os quais não tinham acesso à educação. Leitura é possível, em sua maior parte, aos que frequentam à escola. Em outras palavras, não se tinha a história sendo alcançada pelos analfabetos. Realidade ainda patente nos dias atuais da nação brasileira. “Se a História vive só de documentos escritos, vai viver só de quem é alfabetizado, logo, os hegemônicos. Até hoje, nem todos são alfabetizados, imaginem antes” (BACCEGA, 2015, p.125). Não menos diferente acontece com a mídia impressa.

Isso é tão verdade que Michel Foucault de maneira pontual descreve o discurso da história tradicional como discurso da classe soberana, um discurso elitizado, estratégico; quando não inacessível. Ponto em que a *Nova História* vai de encontro, pois “O discurso histórico não vai ser mais o discurso da soberania, nem sequer da raça, mas [será] o discurso das raças, do enfrentamento das raças, da luta das raças através das nações e das leis” (FOUCAULT, 2010, p.58).

Na mesma esteira, Foucault subsidiado por Clausewitz – estrategista em segurança nacional – expõe que “[...] a guerra é a continuação da política[...]” (FOUCAULT, 2008, p.409, grifo nosso), a política provoca(rá) a guerra ainda que a discurso da história seja tão oculto quanto não pareça ser; ou ainda, melhor, quanto não possa ser.

Outrossim, “A História tradicional, em sua linearidade, é uma forma de proteger a soberania do sujeito e as figuras gêmeas da antropologia e do humanismo” (GREGOLIN, 2004, p.21). Esse é um dos pontos nodais da pesquisa, uma vez que o sujeito *Época* protege-se na soberania do aparelhamento ideológico quando se vale de elementos implícitos, no gênero capa de revista, para discorrer a *História* não de uma forma combativa aos interesses reais de uma nação; mas, sim, de interesses mercadológicos ditados pelo mercado financeiro internacional sem apresentar variáveis outras como a Segurança Nacional e/ou a Soberania de um país.

“O espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação: não por sua estrutura temática – que desmorona na medida em que exige o

pensamento -, mas através de sinais” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.113). E nesse ínterim, a soberania midiática se faz presente por meio da *História*. Porque existe uma necessidade pontual de se contar a história da forma que lhe seja economicamente interessante. A mídia visa ao lucro, que por meio de uma teia deve ser guiada pelos ditames da mídia internacional, que por sua vez é um dos tentáculos do capital financeiro internacional. O que não seria interessante demonstrar pontos sensíveis da (in)segurança americana.

Faz-se necessário abordar a origem do sujeito *Época* que por meio de:

Victor Civita, filho de imigrantes italianos na América, veio para o Brasil e criou um império editorial no ramo de revistas. Assim como criou a *Veja*, em 1968, e suportou os prejuízos nos primeiros dez anos, fechou a revista *Realidade*, em 1976, que circulava com quinhentos mil (500.000) exemplares, e cobria todos os seus custos, não apresentando reveses. Depois disso vieram *Isto é*, *Isto é Senhor*, *Afinal* e *Época*⁴, que marca o ingresso das Organizações Globo no mercado editorial brasileiro das revistas semanais de interesse geral (informação) (BAPTISTA; ABREU, Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/baptista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 11 de jun. de 2021, grifo nosso).

Observa-se que o sujeito *Época* surge na intencionalidade objetiva do lucro por meio da conquista do mercado editorial brasileiro, ponto de intersecção com outras editoriais lançados pelas Organizações Globo. Ou seja, o aparelho ideológico *mídia impressa* ganha um corpanzil a partir da segunda metade do século XX no Brasil por meio de uma aparente diversidade ideológica, porém todas orbitam em prol do capital; a informação, que é o que o público pensa estar consumindo de maneira imparcial, é tratada em sua minúcia para que o leitor não tenha oportunidade de pensar por si só.

O gênero do discurso capa de revista é considerado um trabalho realizado por várias mãos em que se tem uma composição heterogênea e atinge o verbal e não-verbal. Vide:

Não é por caso que capas de grandes periódicos são tidas há algum tempo como objeto de estudo por diversas áreas do conhecimento, especialmente pela Análise do Discurso (AD). Proveniente de um trabalho de quilate imensurável, podendo ser considerado um gênero secundário de discurso, pois comporta equipes de profissionais de diversas áreas do conhecimento, tais como: diagramadores, fotógrafos, jornalistas, redatores, revisores, arte finalistas, comunicadores; enfim, equipe que tem em várias mãos o intento de transmitir por meio da linguagem verbal e não-verbal uma ideologia atravessada pelo componente história, cujo resultado imediato dessa produção deixa o analista do discurso em um terreno fecundo de análise (ALMEIDA; XAVIER; OLIVEIRA, 2016, p. 20). “[...]Evidentemente, cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003 *apud* SILVA, 2013, p. 58). Ressalta-se que a classificação do gênero do discurso aqui empreendida é um trabalho originário de Bakhtin/Volóshinov e seu círculo, em que não se pode eximir de atribuir o mérito escolástico empreendido (PONCHE; EFFGEN, 2021, p.157).

⁴ A revista *Época* é a tentativa da Editora Globo, da Família Marinho, de se inserir no mercado editorial de revistas, lacuna existente até então, no império de Roberto Marinho e seus descendentes, que estava focado nos jornais, na rede de Televisão bem como na de Rádios AM e FM. (N. da A.) (BAPTISTA; ABREU, Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/baptista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 11 de jun. de 2021, grifo nosso).

O gênero capa de revista é a porta de entrada, ou mesmo, o chamariz para aquele leitor passivo de informação cuja reflexão está consoante ao modelo anterior à *Nova História*. “A *Nova História* se propõe como tarefa fundamental não interpretar os documentos, extraindo uma suposta veracidade intrínseca a eles, mas ‘trabalhá-los desde o interior, elaborá-los’, como será afirmado em *A Arqueologia do saber*” (RAGO, 1995, p.78). Não menos diferente é a AD francesa.

A Análise do Discurso, assim, interroga a Linguística pela historicidade [...], questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e demarca a Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalhando a ideologia relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele. Isso quer dizer que são três âmbitos do conhecimento que o analista discurso pode operar para extrair a composição reflexiva diante da problemática a qual se depara (ORLANDI, 2020).

Outro ponto que não se pode deixar de asseverar é o quanto um acontecimento social pode mudar um discurso, ou até mesmo silenciá-lo. A história norte americana teve seu discurso, quanto à segurança nacional, repensado depois do atentado terrorista de 11 de setembro de 2001. Pois “Uma situação social muda ao mesmo tempo o modo de trabalhar e o tipo de discurso. Isto é um ‘bem’ ou um ‘mal’? Antes de mais nada é um fato, que se detecta por toda parte, mesmo onde é silenciado” (CERTEAU, 1982, p.65).

Passemos ao entendimento do que é a *Memória (Discursiva)*. Diferentemente da História, a *Memória* não necessariamente deve ser vivida para que se constitua como elemento do discurso. Tem-se a possibilidade de se constituir a *Memória* de um povo sem que seja tipificada, assim como uma tribo indígena pode fazê-la. Transmitir valores os quais uma dada comunidade deve seguir ou mesmo se identificar para que haja um posicionamento ideologicamente uníssono numa dada circunscrição. Ou mesmo a memória pode ser apagada, esquecida ou não aceita por uma dada comunidade. Mas isso até que a mídia descubra o valor mercadológico de um dado acontecimento para que possa dele obter o lucro.

Mas a *Memória (Discursiva)* a qual fazemos jus neste estudo, pode ser melhor entendida pela seguinte definição:

Memória discursiva: espaço de memória como condição do funcionamento discursivo constitui um corpo-sócio-histórico-cultural. Os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. Trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção (FERNANDES, 2005, p.46).

A memória é seletiva até mesmo quanto aos aspectos constitutivos socialmente. Pois o funcionamento discursivo para um dado corpo sócio-histórico-ideológico é avaliado pelos sujeitos nele inscrito. Isso fica patente quando se inicia a aproximação da data do 11 de setembro de 2021. Por mais

que a população estadunidense não queira que a memória seja ativada, o lucro estará irrequieto. Seletivamente a temática terrorismo será, no mínimo, suscitada a ter destaque na mídia e a memória reavivada, pois guerra gera lucro, ainda que pela e para a mídia.

Para corroborar de maneira ainda mais contundente Courtine apregoa que:

[...] A noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos; ela visa o que Foucault (1971, p.24) levanta a propósito dos textos religiosos, jurídicos, literários, científicos, “discursos que originam um certo número de novos atos, de palavras que os retomam, os transformam ou falam deles, enfim, os discursos que indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda a dizer (COURTINE, 2014, p.106).

Courtine traz a memória discursiva em meio as práticas discursivas as quais são arregimentadas por aparelhos ideológicos tal como o estudo demonstra através do sujeito *Época*. Ou seja, esse aparelho ideológico vale-se de uma memória discursiva a fim de assegurar a manutenção do capital e da relação de poder que os aparelhos ideológicos detêm na manipulação das massas. Outrossim, o autor afirma que existem discursos que são postos para além do que eles dizem, do que permanecem ditos e que ainda estão a dizer. Esta última consideração – *que ainda estão a dizer* – encaixa-se na temática aqui escolhida nos *corpora*, porque o atentado terrorista do 11 de setembro ainda tem muito para dizer ao longo da história e da memória de um povo que nunca tinha sofrido ataques em seu solo. A partir daí discursos dessa temática sempre serão reconstruídos, ressignificados, lembrados e, talvez, silenciados.

E quanto ao silêncio Eni Orlandi (2007, p.153) ensina “Porque o sentido não é um, é muitos. Isso está dito na análise de discurso na definição do dizível pelo conjunto de diferentes formações discursivas que se põem em jogo em cada gesto do dizer”. Ou seja, a depender do sentido que se propõe a temática, o melhor, talvez, seja o silêncio.

3 DA ANÁLISE

“Para a AD, é consensual que um discurso não circula em qualquer lugar, que não toma livremente uma forma genérica qualquer e que não pode ser interpretado de qualquer maneira por qualquer um” (POSSENTI, 2009, p.11); é aí que entra a figura do analista do discurso, o qual por meio de uma tarefa primorosa em harmonizar três ramos do conhecimento – Linguística, História e Psicanálise – e projetar a descrição e a interpretação do que está dito ou escrito, mas não entendido por todos.

Ante ao verbal e do não-verbal disposto pelo gênero capa de revista, parte-se desse para aquele. Os *corpora* aqui analisados têm a argumentação por comparação como baldrame.

Figura 1. Capa da Revista Época



Fonte: <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2013/06/capas-de-epoca.html>

Pessoas correndo pelas ruas de Nova Iorque sem direção; atordoadas pela imensidão de poeira que descoloriu o céu azul passando ao tom cinza - *falta de vivacidade, ausência de emoção* - advindo da poeira do desmoronamento das duas torres. A nuvem de destroços toma proporções maiores do que os arranha-céus que estão no enquadramento da fotografia, demonstrando a magnitude do desastre.

Na multidão de pessoas que procura se afastar do epicentro colapsado algumas ganham destaque. À esquerda da imagem, destaca-se uma mulher de camisa branca cuja característica genética remete aos povos orientais; assim como, mais ao centro, há um senhor de camisa azul e gravata cinza com biótipo de indiano; e a direita o senhor de camisa branca expressa a identidade do povo europeu o qual povoou grande parte da América do Norte. Aspecto que pode conduzir o pensamento do leitor ao raciocínio da miscigenação e da diversidade cultural que *Nova Iorque*, por ser a capital econômica dos Estados Unidos, detém.

Diante desse quadro de pânico retratado pelo não-verbal, não se poderia esperar do verbal outra “entonação”; ou seja, o lexema *HORROR* em vermelho como título indica pânico e a carnificina gerada pelo ataque terrorista. “E, finalmente, entra a história, a produção de acontecimentos que significam na maneira como cores como o negro está relacionado ao fascismo, à direita, e o vermelho ao comunismo, à esquerda, segundo um imaginário que afeta os sujeitos em suas posições políticas” (ORLANDI, 2020, p.29).

O locativo *Nova Iorque* demonstra que o centro das relações comerciais dos EUA estava sendo afetado. Em especial a bolsa de valores seria atingida literalmente. Um abalo à economia do país, pois sem segurança escolas não funcionam, o comércio não abre, as pessoas não saem de casa; logo, a



economia nova iorquina, em meio ao efeito cascata, afetaria toda a nação norte americana. Um país em que a segurança nacional fica evidenciada, investidores não arriscam suas economias.

“Cinco terroristas embarcaram no voo AA-11 no aeroporto de Logan, em Boston (MA) entre as 6h45 e 7h40. A aeronave (um Boeing 767) decolou com 76 passageiros, 11 tripulantes e 5 sequestradores a bordo” (Disponível em: <http://g1.globo.com/11-de-setembro/noticia/2011/08/restituicao-do-vo-aa-11.html> . Acesso em: 15 de jun. de 2021). O poder financeiro (inter)nacional ruía em 11 de setembro de 2001, pelo voo 11 da América Airlines, o qual tinha 11 tripulantes, 76 passageiros, sendo 5 deles terroristas. Ainda que as coincidências numéricas sejam objetos de estudo para os numerólogos, matemáticos, estatísticos...; ao que indicam são mais do que isso. Seriam tão extraordinários quanto à tarja vermelha de indicação à direita da capa para aquela edição, pois o número 11, sem muito esforço intelectual, representa o primeiro “número gêmeo” dispostos pela unidade e pela dezena. Analogamente, o primeiro atentado em solo estadunidense seria a torre gêmea e deixaria quase 3.000 mortos.

Quanto ao nome *Época* mais à esquerda da capa, também em vermelho, em que a vogal “o” é substituída pelo globo terrestre, provocam-se efeitos de sentido da seguinte ordem: o lexema *Época* transmite a ideia de temporalidade, de *História*. Quanto ao globo terrestre, percebe-se que suas reportagens são também de cunho internacional, assim como agrega a marca do sujeito ideológico *Editora Globo*. Subliminarmente, a logomarca atrela as identidades do sujeito *histórico-ideológico* personificado no editorial.

Nesse sentido, é interessante observar-se que **a ideologia** não é, como se sabe, necessidade conjunta. Assim, a singularidade não é um efeito da vontade do **sujeito**, ela resulta do modo singular que a ideologia o afeta. São essas as determinações a que nos referimos quando falamos que a relação com o sentido é mais indireta e mais determinada (pela história, pela ideologia) (ORLANDI, 2007, p.100, grifo nosso).

Essa relação conjunta que a ideologia do sujeito *Época* faz com a *História* sobre a temática terrorismo é tão verdade que após o 11 de setembro, ao completar uma década do acontecido foi inevitável uma nova matéria de capa sobre o atentado. A regularidade de um acontecimento faz ressurgir formulações anteriores, o que marca a presença da *memória* em um acontecimento análogo, ou na contagem temporal pelo calendário gregoriano aqui no ocidente.

O ressurgimento dessa formulação, quarenta anos mais tarde, chama a atenção para o fato de que toda a produção discursiva que se efetua nas condições determinadas de uma conjuntura movimenta – *faz circular* – formulações anteriores, já enunciadas: interpretamos assim a “manifestação discursiva” desse grupo de fundamentalistas, vindo romper por meio da lembrança de uma fórmula o ritual que preside à enunciação de um discurso político, como um efeito de *memória* na atualidade de um acontecimento, sob a forma de um retorno da contradição nas formas do diálogo (CORTINE, 2014, p.104).

Cabe ressaltar que a manifestação discursiva de um ato terrorista como o 11 de setembro expressa a “polaridade memorial” de povos que são arquirrivais pelo condão da *História*. Isto é, a

comunidade nova iorquina será tida pela mídia ocidental como vítima de um “exército” de 19 homens fundamentalistas que covardemente fizeram milhares de vidas inocentes; entretanto, a população afegã poderá lembrar desta data sobre outro prisma. A data pode ser encarada como um ato heroico em que 19 homens demonstraram a fragilidade do maior e mais atuante exército do mundo, aquele que mais guerreou durante os últimos 200 anos.

A grande mídia, certamente, há de silenciar uma das versões, mais provável a segunda. E há de lucrar com a primeira, pois essa é lógica do capital.

Ao longo desses quase 200 anos, nós, os Estados Unidos, expulsamos ou exterminamos a população nativa – muitos milhões de pessoas –, conquistamos metade do México, provocamos depredações por toda a região, no Caribe e na América Central – às vezes mais longe ainda – e conquistamos o Havai e as Filipinas (matando mais de 100 mil filipinos no processo). Desde a Segunda Guerra, o país estendeu seu alcance ao redor do mundo de maneiras que não preciso descrever. Mas sempre envolveram matar alguém. Sempre envolveram lutar em algum outro lugar. Sempre foram outros os massacrados. Nunca aqui. Nunca o território nacional (CHOMSKY, 2002, p.9).

Sabe-se que não se justificam erros causando outros. Mas na guerra ninguém acerta, ainda que sejam alvos. E a ciranda continua. A indústria bélica é um tentáculo do capital. Armas devem ser melhoradas, aperfeiçoadas. Nas últimas décadas, as armas advêm dos laboratórios bioquímicos e também do choque de aeronaves contra edifícios humanizados, bem parecido com os Kamikazes na Segunda Grande Guerra. Em síntese, está-se diante do biopoder apregoado por Foucault o qual “é o poder sobre a *bios* ou a vida, e as vidas podem ser administradas tanto na esfera individual quanto na de grupo” (TAYLOR, 2018, p.62).

Figura 2. Capa da Revista Época



Fonte: <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2013/06/capas-de-epoca.html>



Então, dez anos depois, como prova de que a regularidade temática é uma das variáveis que move o lucro para a grande mídia, tem-se a *memória* dos nova iorquinos sendo explorada em prol da benesse. E o silenciamento do oriente ecoa na mídia ocidental, pois não gera lucro e não pode circular em qualquer lugar.

Nessa edição, o verbal demonstra uma expressividade mais apurada que a descrita na figura 01. A formatação visual passou por pequenas modificações. No topo da capa acrescentou-se uma tarja preta com figuras e “subtítulos” das reportagens secundárias – Olimpíada, Alimentação e Ministério. Entretanto, o tom fúnebre, lutuoso, não pode ser descartado. O logotipo da revista não teve alteração.

O céu limpo e azulado demonstra a vivacidade de uma nova década. A fotografia foi retirada do plano horizontal em que o enquadramento procura mostrar a “selva de pedra” do centro econômico da megalópole americana. Quanto à projeção da imagem de reconstrução das torres gêmeas, é-se demonstrado que os Estados Unidos são fortes o suficiente ao ponto de reconstruir não apenas os prédios, mas também a simbologia econômica que as torres representavam para o mundo. A imponência arquitetônica.

Quanto ao verbal tem-se: “*Dez anos depois a reconstrução da vida em Nova York, o abalo no poder americano e as marcas deixadas em todo o mundo pelo maior atentado terrorista da história*”. Na primeira estrutura, a qual afirma que após dez anos do atentado houve a reconstrução da vida em Nova Iorque, percebe-se uma incoerência ainda que o sentido metafórico esteja evidente. Uma vez que o não-verbal demonstra a reconstrução de um dos símbolos de imponência do capitalismo que são as torres. A destruição de vidas não permite reconstrução. Edificações sim. “A nova história se propõe como tarefa fundamental não interpretar os documentos, extraindo uma suposta veracidade intrínseca a eles, mas ‘trabalhá-los desde o interior, elaborá-los’, como será afirmado em *A arqueologia do saber* (RAGO, 1995, p.77).

Isto é, a AD não tem a obrigação de interpretar documentos e deles extrair uma suposta verdade, assim como a *Nova História*. A AD não descreve e nem interpreta o impreciso. Ela analisa os discursos quanto práticas seguidoras de regramentos sócio-histórico-ideológico. Para Foucault isso pode ser entendido da seguinte forma: “A arqueologia busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos, *mas os próprios discursos*, enquanto práticas que obedecem a regras” (FOUCAULT, 2017, p.169, grifo nosso).

Ressalta-se o *abalo no poder econômico* na presença do elemento *interdiscurso* de maneira contundente, pois “A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. *Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente*” (ORLANDI, 2020, p.29). E onde está a memória sendo pensada em relação ao discurso do abalo econômico em meio ao atravessamento histórico americano?

Falar em abalo econômico americano é levar o pensamento à queda e logo após a quebra da bolsa de valores de *Nova Iorque* em 1929. Em outras palavras, o interdiscurso produziu dizeres ambivalentes pela forma que o *Sujeito Época* inferiu o discurso. Pode-se pensar, por exemplo, que depois

do 11 de setembro investidores internacionais desacreditaram na segurança nacional para os negócios e, por isso, a economia americana ficou abalada. Outro raciocínio possível seria a economia ter sofrido um abalo oriundo da quantidade de pessoas que necessitavam de transporte aéreo e passaram a optar por outros meios de transporte causando demissões em massa diretamente no setor aeronáutico e indiretamente em vários outros que dele dependiam. Entre outras tantas possibilidades de dizeres que poderiam ser consideradas pelo já dito em um dado momento histórico.

Na última oração - *e as marcas deixadas em todo o mundo pelo maior atentado terrorista da história* - o que faz *Época* afirmar que esse foi o maior ataque terrorista da história? Qual história ela se refere? A do oriente ou do ocidente? Pois deu azo a implícitos e/ou subtendidos.

Teria o 11 de setembro de 2001 deixado marcas maiores que o acontecimento de 6 de agosto de 1945 na cidade de Hiroshima no Japão?

Estima-se que aproximadamente 350 mil pessoas estavam em Hiroshima no momento da explosão da bomba atômica e a cidade de Hiroshima estima que, até dezembro de 1945, 140 mil pessoas morreram (Hiroshima Peace Memorial Museum, 1999). Segundo Thomas e Witts (2012), aproximadamente 80 mil civis morreram instantaneamente ou com feridas letais. Dos 200 médicos atuantes na cidade, 180 morreram. Dos 1.780 enfermeiros, 1.654 morreram e apenas três dos 55 hospitais de Hiroshima puderam atender os feridos pela bomba (NAKAGAWA, 2015, p.249).

Não se está aqui trançando paralelos entre incoerências que as guerras provocaram ao longo da história para medir qual o povo sofreu mais com guerras pelo mundo. Pelo contrário, a intenção é demonstrar analiticamente que a grande mídia provoca incoerências no imaginário coletivo visando ao capital.

Guerras por guerras, de modo endógeno, o Brasil possui guerras em suas favelas, as quais a segurança pública nacional não apresenta antibióticos eficientes para que essa infecção não contamine tecidos saudáveis. E a mídia age pelo espectro do que lhe é mais rentável. O que foi tratado na obra *O BRASIL NO ESPECTRO DE UMA GUERRA HÍBRIDA* da seguinte forma:

[...] Em sua definição, a guerra híbrida se aproxima das guerras “selvagens”, mistura capacidades de “guerra convencional com formações e táticas irregulares”, e até técnicas terroristas e criminais (p.29). Outro ponto levantado pelo autor é a indistinção (blur) entre guerras estatais e não-estatais, que torna os conflitos *(sic)* “generalizados”: não há mais fronteira entre a “guerra e paz”, “civis e militares” (p.27), e basicamente poderemos estar em guerra sem percebê-lo. Tudo isto aponta para um quadro de superação do que seria um esquema tal como esboçado por William Lind (2001) de “guerra de 4ª Geração”, somada à “guerra irregular”, “assimétrica” e “não-convencional”. A “híbrida” seria ou um desdobramento destas, ou um “salto” para a 5ª Geração, dependendo do autor (LEIRNER, 2020, p.99).

Desde a década de 70, de modo mais acentuado no Rio de Janeiro, o que está acontecendo, inclusive por meio de técnicas terroristas contra o Estado, é uma Segurança Pública ineficaz, que pela perda de território para o Estado Paralelo, não consegue hoje estabelecer fronteiras entre a paz e a



guerra travada entre civis e militares (milicianos) em busca do lucro advindo do tráfico de drogas, da disponibilização de serviços que deveriam ser oferecidos pelo Estado; tais como: transporte, moradia, energia elétrica e saneamento básico. Ou seja, grosso modo, uma guerra estatal contra não-estatal em que a mídia, pelo que foi demonstrado até aqui, não dispõe de interesse em apresentar para o seu público a essência da causa motivadora.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, nem de longe, deteve-se à esperança de esgotar o que ainda pode ser explorado por meio da Análise do Discurso francesa quanto à temática ora apresentada, assim como pela riqueza que o gênero capa de periódicos tende a oferecer ao trabalho de análise por mesclar o verbal e não-verbal. Ademais, o trabalho demonstrou em sua maior parte que a mídia impressa, visando ao lucro, apoia-se nos elementos *História e Memória* para angariá-lo.

Em meio a regularidade temática segurança pública nacional por atuação do crime mediante terror, cria-se uma expectativa para que novos estudos sejam realizados neste viés, uma vez que anualmente há uma tensão quando a data memorial se aproxima nos Estados Unidos. Isto quer dizer que a mídia dependendo da forma que dispuser dos elementos discursivos em prol do capital, há de gerar sempre uma nova *jihad*, ou pelo menos uma tensão por reavivar a memória daquele povo.

Por fim, o trabalho espera ter demonstrado como a mídia se vale dos elementos *História e Memória* para aliciar a massa e docilizar seus corpos. A *Nova História* foi o antídoto, o componente basilar de reposta emitido por Foucault para romper a linearidade do pensamento e da narrativa encontrada até então em estudos imergidos nas relações de poder, principalmente, na modernidade.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. Título Original: *Dialektik der Aufklärung: Philosophische Fragmente*.
- BACCEGA, Maria Aparecida. *A construção do “real” e do “ficcional”*. In.: Org. FIGARO, Roseli. *Comunicação e Análise do Discurso*. 1ª Ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.
- BATISTA, Íria; ABREU, Karen. *A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/baptista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas-no-brasil.pdf>. Acesso em: 11 de jun. de 2021.
- BERT, Jean-François. *Pensar com Michel Foucault*. Tradução: Marcos Marcionilo. – São Paulo, SP: Parábola, 2013. Título Original: *Introduction à Michel Foucault*.
- BURKE, Peter. *A Nova História, Seu Passado e Seu Futuro*. Tradução: Magda Lopes - São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CERTEAU, Michel. *A Escrita da história*. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. Título Original: *L'écriture de l'histoire*.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. Tradução coordenada por : Fabiana Komesu. 3 edição – São Paulo: Contexto, 2020. Título Original: *Dictionnaire d'analyse du discours*.
- CHOMSKY, Noam. *A nova guerra contra o terror*. Palestra feita pelo autor em 18 de outubro de 2001 no Fórum de Tecnologia e Cultura do Massachusetts Institute of Technology (MIT), EUA. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/262612435_A_nova_guerra_contra_o_terror. Acessado em: 16 de jun. 2021.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. – São Carlos: EdUFSCAR, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território e População: Curso dado no Collège France(1977-1978)*; Edição estabelecida por Michel Senellart, sob a direção de François Ewald e Ajessandro Fontana. Tradução: Eduardo Brandão; Revisora da Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008. Título Original: *Sécurité, territoire, population*.
- FOUCAULT, Michel. *Michel Foucault em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. 2ª Edição. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. Título Original: *Il faut défendre la société*.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 8ª Edição. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017. Título Original: *L'Archéologie du Savoir*.



FERNANDES, Claudiomar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. 1ª ed. Goiás: Trilhas Urbanas, 2005.

G1. *Resconstituição do voo AA-11*. g1.globo.com, São Paulo, 28 de set. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/11-de-setembro/noticia/2011/08/reconstituicao-do-voo-aa-11.html>>. Acesso em 15 de jun. 2021.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. *Michel Foucault: o discurso nas tramas da História*. In: FERNANDES, C.A.; SANTOS, J.B.C. (org). *Análise do Discurso. Unidade e Dispersão*. Uberlândia : Entremeios, 2004, p. 19-42.

LEIRNER, Pierner C. *O Brasil no espectro de uma guerra híbrida: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica*. 1. Ed. São Paulo: Alameda, 2020.

NAKAGAWA, Cristiane Izume. *Hiroshima: a catástrofe atômica e suas testemunhas*. DOI: 10.1590 / S0103-40142015000200016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/jSBhHLxr7vqWPhY9sBKjhxs/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 17 de jun. 2021.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 13ª Edição. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2020.

ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. – 6ª Edição. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni P. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. – 5ª Edição. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2007.

RAGO, Margareth. *O efeito-Foucault na historiografia brasileira*. *Tempo Social*, Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 7(1-2): 67-82, outubro de 1995.

PONCHE, Sthefan Bravin; EFFGEN, Jacqueline Pilger. *Discurso, mídia e poder: aprisionamento de sentidos e liberdade de André do Rap*. In.: *Discursividades Midiáticas: construção e circulação de sentidos*. Organizador: Thiago Barbosa Soares. - Iguatu, Ceará: Quipá Editora, 2021.

POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

TAYLOR, Chloë. *Biopoder*. In.: *Michel Foucault: conceitos fundamentais*. Editado por Diana Taylor. Tradução: Fábio Creder. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018. Título Original: *Michel Foucault: Key Concepts*.